

LITERATURA E FICÇÃO HISTÓRIOGRÁFICA EM *EL REINO DE ESTE MUNDO* DE ALEJO CARPENTIER

Laura Torres de Alencar Neta

UESPI

Luizir de Oliveira

UFPI

Introdução

Este trabalho tem como objeto de estudo a obra *El reino de este mundo*, de autoria do escritor cubano Alejo Carpentier y Valmont. A obra está assentada nos pilares da história da revolução haitiana, ocorrida em 1791, envolvendo diversos personagens históricos, que são ficcionalizados por Carpentier. Com a análise, objetiva-se verificar como se dá a mescla entre literatura e história na referida obra. *El reino de este mundo* é uma narrativa ficcional apoiada em três pilares: o real maravilhoso, a história da revolução haitiana mesclada com o sincretismo religioso do branco com o vodu, religião praticada pelos escravos haitianos, e o barroco, resultando em um romance histórico característico da América Latina na época do *boom* latino americano.

A base da história do Haiti é o neobarroco utilizado como instrumento literário, desconstruindo e ressignificando a história factual do Haiti, a Revolução Francesa e a ficcionalização de personagens históricos reais causam estranhamento no leitor, que se vê mergulhado em um mundo mítico, onde se acredita que o homem pode assumir a forma de insetos e outros animais, fenômeno comumente conhecido como *licantropia*. No universo exuberante da natureza caribenha, o mundo dos personagens líderes da revolução dos haitianos torna o texto narrativo instigante e motivador para uma leitura que envolve a própria história.

A história começa com uma breve reflexão sobre os colonizadores brancos franceses presentes na ilha do Haiti, que é parte da Coroa francesa, e a apresentação do personagem principal Ti Noel, um escravo negro que pertence ao fazendeiro Monsieur Lenormand de Mezy. A partir daí, o narrador em terceira pessoa vai desvendando toda a trama de *El reino de este mundo*, obra em que Carpentier lança mão do Barroco e do real maravilhoso para mostrar o choque de culturas e crenças. Ora em terceira pessoa, ora em primeira pessoa, o leitor se depara com o personagem Ti Noel comparando sua etnia e cultura com a cultura europeia. O colonizador branco é fraco, incompetente, débil de caráter e força física, além de covarde e medroso. Nessa comparação, o leitor é apresentado a um personagem histórico chamado

Mackandal, o mandiga, um negro que seria o responsável pela mobilização e doutrinação dos negros sobre a cultura vodu haitiana. Seguido fielmente por Ti Noel, quando conclama os negros a se sublevarem contra os brancos, Mackandal é capturado e morto na fogueira, mas os escravos saem da praça do sacrifício mais confiantes e crentes em Mackandal do que nunca. No meio da cerimônia de castigo de Mackandal, o mandiga estava amarrado com muitas cordas e, depois de ter padecido várias torturas, liberta-se de todas as amarras e voa para o meio da multidão de negros que, a partir daí, acreditam que ele deixara o corpo material, e sua alma ficara no *reino de este mundo*, transformado em qualquer animal ou inseto.

Alejo Carpentier y Valmont nasceu no dia 26 de dezembro de 1904, na cidade de La Habana - Cuba, onde viveu até os 12 anos. Como era asmático, não podia, como os outros garotos, se envolver em determinadas brincadeiras que o faziam perder o fôlego, por isso ficava em casa, lendo e tocando piano, em uma profunda solidão. Enquanto seu pai viveu em casa, Alejo Carpentier conheceu um período de fartura e, por um certo tempo, foi viver em Paris, onde estudou no Liceu, desenvolvendo uma grande vocação para a música. Algum tempo depois, com a saída de seu pai da família, teve que procurar emprego e foi trabalhar como jornalista.

É Otto Maria Carpeaux quem dá mais informações sobre Carpentier, em sua apresentação do livro, uma vez que foi um dos seus primeiros biógrafos: “Começou a escrever poesia negra, à maneira de Nicolás Guillén e Ramón Guirao. Participou de conspirações contra a ditadura. Foi preso. Na prisão começou a escrever o romance social *Ecue-Yamba-O*”, em que aborda a terceira década do século XX em Cuba.

Trata-se de obra fundamental para se entender a realidade cubana daquele período e fatos da vida do próprio Alejo Carpentier. O enredo apresenta a vida do negro cubano Menegildo Cue, um herói que busca dentro de si mesmo a força e o querer para realizar suas metas, seguir a vida e obter o amor de Longina. A intenção do narrador onisciente é claramente política. Paralelamente, se desenrola a narrativa sobre as eleições políticas de Cuba em 1920, com a descrição dos candidatos à Presidência da República. Nesse contexto, em que ocorrem as tentativas de corrupção da população negra, a qual vai mudando de opinião sobre a situação sociopolítica do país, sem perceber as armadilhas nas quais está mergulhando, somente Menegildo, Longina, Salomé e seus filhos conservavam o caráter e a tradição antilhanos.

Em *El reino de este mundo*, é possível verificar a presença do realismo mágico e maravilhoso, numa mistura de história independentista e revolucionária haitiana, junto ao sincretismo religioso, o voduísmo, os sacrifícios de animais, o calor e suor dos escravos negros

das plantações, tecendo uma trama em que a ironia do poder repete um círculo vicioso no qual todo final é uma origem e a relação entre quem está no poder e quem é subjugado. Como explica o próprio Carpentier, no prefácio do seu livro,

A cada passo encontrava a Realidade Maravilhosa. Pensava também que essa presença e vigência da Realidade Maravilhosa não era privilégio único do Haiti, senão um patrimônio de toda a América, onde ainda não se concluiu, por exemplo, um inventário de cosmogonias (CARPENTIER, 1985,p.15)

A referência documentada sobre a história do Haiti, segundo Calabrese(1999) fortalece sua credibilidade, no entanto a inclusão do barroco na sua literatura e seu entorno provém de um ambiente místico que transporta o leitor a um ambiente totalmente caribenho, no qual se depara com um ambiente místico que o leva até o palácio de Henri Christophe, lugar onde deixou seu corpo nos muros, como uma perpetuação do primeiro rei negro do Novo Mundo.

Embora as relações entre realidade histórica e literatura, bem como as vivências dos autores que são expressas em suas obras sejam um campo especulativo que constituem uma fonte de pesquisa para os estudos literários, os leitores devem ter uma gama de conhecimentos de áreas afins para compreenderem melhor o texto literário e poderem assim construir um pensamento crítico sobre as obras produzidas pelos escritores pertencentes ao Realismo Mágico e Maravilhoso. As histórias sejam elas narradas, contadas ou lidas, são uma válvula de escape aos leitores ou ouvintes, basta ver o desespero de Ti Noel, ouvinte atento das histórias contadas por Mackandal, quando este desaparece sem dar nenhuma notícia a ele, que era tão amigo do Mandinga, como é possível perceber no trecho a seguir:

Nas noites longas, quando o moço sofria com esse pensamento, levantava-se do pesebre do estábulo onde dormia e abraçava, chorando, o pescoço do garanhão normando, afundando o rosto nas crinas mornas que cheiravam a cavalo lavado. “A partida de Mackandal levava com ele todo aquele mundo evocado em suas narrativas” (CARPENTIER, 1985, p.13).

A literatura pode ser vista como uma fuga da realidade, um mundo maravilhoso que torna a vida mais leve, suportável às penas e dores. Essa possibilidade é demonstrada pelo narrador de *O reino deste mundo*: “Perdida a razão de viver, Ti Noel aborrecia-se nas batucadas dominicais: vivia com os animais, cujas orelhas e pernéos mantinha sempre livre de carrapatos.” (ibidem, p.13).

Marcado pelo contexto histórico e político-social na década de 1960, o Boom surgiu em uma época de grande turbulência nos países latino-americanos. Mais que um movimento literário, devemos considerá-lo como o ingresso definitivo dessa literatura em sua etapa contemporânea, pelo seu conjunto de afinidades, diversidades e divergências.

O boom, segundo Donoso (1987), foi uma etapa despojada de tradições técnicas e temáticas, mais livre e simples nos temas e tratamento da linguagem. Sem modelos pré-estabelecidos, defendia a liberdade, a individualidade, a autenticidade dos seus autores e obras. Um ponto de convergência entre os escritores do boom latino-americano foi a Revolução cubana, que foi o primeiro ponto de convergência entre quase todos os escritores desse período, uma vez que se tratava da primeira revolução socialista latino-americana. Entretanto, com o passar do tempo, transformou-se em um ponto de desencontro para os escritores, pois a ideia de democracia à qual haviam aderido não chegou a ocorrer. *El Reino de Este Mundo* é uma leitura que envolve o leitor do início ao fim porque mostra o real maravilhoso em sua forma barroca, grotesca, natural e impactante:

Enquanto o amo fazia a barba Ti Noel pode contemplar a seu gosto as quatro cabeças de cera que adornavam a estante da entrada. O ondulado das perucas enquadrava os semblantes imóveis, antes de se espalhar, num remanso de crespos cachos, sobre um tapete encarnado. [...] Por graciosa casualidade, o açougue ao lado exibia cabeças de terneiro, esfoladas, com um caminho de salsa sobre a língua, que também tinha o mesmo tom de cera, e estavam como que adormecidas entre rabos escarlates, patas em gelatina e panelas de tripas à moda de Caen” (CARPENTIER, 1985, p.2).

Em 1949, com a publicação de *El reino de este mundo*, de Alejo Carpentier, encontrou-se uma nova significação para o maravilhoso na literatura, o maravilhoso americano. No prólogo, o escritor cubano critica o maravilhoso dos surrealistas, vendo-o como algo falso, pois, segundo ele, o verdadeiro maravilhoso está em íntima relação com a América Latina, sendo patrimônio dessa região.

El reino de este mundo: um pouco de historiografia

Com apoio na obra de Menton (2000), apresenta-se uma reflexão sobre o caminho trilhado pelo narrador onisciente na obra de Alejo Carpentier, a fim de mostrar como ocorre a representação dos fatos históricos no interior da fábula. *El reino de este mundo* recebeu muitas críticas na época de seu lançamento e também muito tempo depois. Algumas dessas críticas, positivas e outras nem tanto, estão diluídas neste estudo, como, por exemplo, o que afirma o crítico Jorge Majfud em sua página sobre o Centro de Estudos sobre Capitalismo: “Carpentier logra iniciar y sintetizar un nuevo constructo imaginario que – real o virtual, nunca lo sabremos - se llamará ‘literatura latinoamericana’, ‘real-maravilloso’, o como se prefiera.” Outra crítica sobre *El Reino de Este Mundo* foi a do próprio Carpentier, em uma entrevista ao jornal *Combate em Paris*: “A mi regreso de Europa, ya en La Habana comencé a trabajar en *El reino de este mundo*. Un esbozo de su primer capítulo salió en La Gaceta de Cuba que publicaba Nicolás Guillén en 1943. La obra la terminé en Venezuela.”

Na citação da entrevista, pode-se constatar como se deu o nascimento da obra *El reino de este mundo* e a consciência Carpentier de que necessitaria de um estilo de época específico para retratar a realidade da América Latina, elegendo o Barroco.

Miguel Ángel Fornerín, em ensaio publicado na Revista eletrônica *Nueva Sociedad*, afirma que “La poética de Carpentier es una teoría del compromiso del escritor con la sociedad y los cambios políticos; nunca pierde esta teorización el papel del sujeto como artífice de la historia [...]”.

A narrativa é dividida em quatro partes: na primeira, são apresentados os personagens principais - Ti Noel e a figura mítica de Mackandal, que segue viva por toda a obra - e os personagens secundários, que mesclam personagens históricos com personagens fictícios.

O texto narra a saga de Ti Noel, escravo negro do monsieur Lenormand de Mezy, que fazia parte da elite francesa branca que dominava o Haiti antes de sua independência. O protagonista traça o panorama da vida na região e seus trabalhos em meados do Século XVIII. Na primeira parte, sob o jugo dos franceses, representados na de Lenormand de Mezy, Ti Noel lembra, com saudades, da África, quando Mackandal tem seu braço engolido pelas moedas do engenho. Surge, então a figura histórica – e real – do escravo Mackandal, que se torna especialista em ervas, cogumelos e outros itens naturais após perder o braço na máquina de cortar cana. “Agarrada pelos cilindros que, de repente, giraram com inesperada rapidez, a mão esquerda de Mackandal tinha ido junto com as canas, arrastando o braço até o ombro.” (CARPENTIER, 1985, p.8).

Depois de surpreender a todos e sumir sem deixar vestígios, o foragido Mackandal entra em contato com Ti Noel para envenenar alguns animais de seu amo. “Um dia, quando as águas dos rios baixaram, ti Noel encontrou a velha da montanha nas imediações das cavalariças. Ela lhe trazia um recado de Mackandal”. Carpentier (1985, p.14). A partir daí inicia-se uma onda de envenenamentos e mortes inexplicáveis, causando furor nos comandantes: “o veneno se espalhou pela Planície do Norte, invadindo os poteiros e os estábulos. [...] Logo se soube com espanto que o veneno entrara nas casas.” (CARPENTIER, idem, p.18).

O maneta Mackandal, ogã do ritual Radá, investido de poderes extraordinários, porque vários deuses maiores tinham baixado nele, era o Senhor do Veneno. Dotado de suprema autoridade pelos Mandatários da Outra Costa, tinha proclamado a cruzada de extermínio, eleito como ele havia sido para acabar com os brancos e criar um grande império de negros livres em São Domingos. (CARPENTIER, 1985, p.19)

Como escravo desvalorizado, afrouxa-se a vigilância, e ele consegue fugir para as montanhas, onde incorpora os poderes sobrenaturais das divindades africanas e,

primeiramente, morrem os animais dos colonizadores e depois, os próprios. Como Mackandal passa a ser perseguido, os negros celebram um grande pacto de unidade. “[...] atrás do tambor mãe erguia-se a figura humana de Mackandal. O Mandinga Mackandal, o Homem. O Maneta. O Restituído. O Acontecido.” (CARPENTIER, 1985, p.26). Note-se que todas as expressões que se referem a Mackandal estão iniciadas com letras maiúscula, significando o poder que ele representava para os negros, bem como a influência que tinha sobre eles. Nesse momento nasce seu líder, o qual seguiriam, como ainda hoje seguem.

A busca pelo mandinga é intensa, mas os negros diziam que Mackandal nunca iria ser capturado, pois se transformava em animais para se infiltrar nos locais sem ser notado. Nesse ponto fica patente a fé que Carpentier afirma ser o elemento primordial do maravilhoso, pois os negros acreditavam piamente que Mackandal se transformava em qualquer coisa, metamorfoseando-se para se esconder. De acordo com Carpentier (1985), no prólogo de seu livro, “Tudo isso ficou particularmente evidente durante minha permanência no Haiti, quando vivi em contato diário com aquilo que poderíamos chamar de Realidade Maravilhosa”. No trecho a seguir se descrevem os poderes de transformação de Mackandal em qualquer forma de animal ou inseto que quisesse.

[...] todos sabiam que o lagarto verde, a mariposa noturna, o cachorro desconhecido e o incrível pelicano não eram senão simples disfarces. Dotado do poder de transformar-se em animal de cascos, em ave, peixe ou inseto, Mackandal visitava constantemente as fazendas da Planície para vigiar seus seguidores e saber se ainda confiavam no seu regresso. (CARPENTIER, 1985, p.22)

Nessa passagem se pode constatar o poder da fé que Carpentier afirma no prólogo de *El reino de este mundo*, ou seja, todos os escravos seguidores de Mackandal acreditavam nos poderes de transmutação do mandinga em qualquer animal. Dessa forma, Carpentier vai teorizando, na narrativa, sobre o vodu e as crenças compartilhadas por toda a comunidade de escravos.

Certo dia, porém, Mackandal aparece, sendo então capturado e queimado vivo. Suas ideias de libertação e união do povo escravo, entretanto, ficaram vivas nos que o ouviam: “Naquela tarde os escravos regressaram para as fazendas rindo durante todo o trajeto. Mackandal tinha cumprido sua promessa, permanecendo no reino deste mundo” (CARPENTIER, 1985, p.31).

Mesclados na narrativa ficcional inserem-se alguns fatos históricos, uma vez que a primeira parte envolve o período de 1760 a 1789. 1758 é o ano da execução do escravo Mackandal, nascido na África, capturado e vendido como escravo. De 1789 a 1799, ocorre a Revolução Francesa, e, em 1791, acontece a sublevação dos escravos comandados por

Bouckman, os quais, em 1804, declaram sua independência política. Em 1794, se dá a Convenção Francesa, que vota pela abolição da escravidão nas Antilhas Francesas.

Na segunda parte da narrativa, apresenta-se Henri Christophe, cozinheiro e dono do albergue La Corona, considerado o lugar que servia a melhor comida das Antilhas. “Acabara de comprar de sua antiga patroa, Mademoiselle Monjeon. Os guisados do negro eram elogiados pelo tempero no justo ponto” (CARPENTIER, 1985, p.36). Quanto ao personagem principal, sua vida havia mudado e, após viver as primeiras aventuras com o líder dos negros Mackandal, Ti Noel passa por outra etapa de sua vida: “vinte anos se passaram sobre tudo isso. Ti Noel tinha doze filhos com uma das cozinheiras. A fazenda florescia mais que nunca” (CARPENTIER, 1985, p.37).

Mesclados com a fábula têm-se os fatos históricos: o período da história factual vai de 1789 a 1802. Cronologicamente, os fatos que marcaram esse período foram os seguintes: em 1801, Toussaint L’Overture, um antigo escravo, ocupa Santo Domingo e proclama a liberdade dos escravos; em 1802, morre o General Leclerc, enviado por Napoleão para restaurar o controle francês, Toussaint é feito prisioneiro e conduzido à França, sendo atirado na prisão, onde morre devido às doenças e aos maus tratos, sem assistência médica. Em 1802, um escravo na colônia francesa de Santo Domingo chamado Jean-Jacques Dessalines, que havia adotado o nome de seu amo, de quem fugira em 1789, e Henri Christophe lideram um exército negro contra os franceses. Em 1803, se rende a última parte do contingente francês liderado por Jean-Baptiste Rochambeau. Em 1804, a ilha se declara independente e assume a forma francesa de seu nome original em arawak, que é Haiti.

Percebendo que estavam em maioria, os escravos negros, para se livrarem do domínio da França, formaram uma rebelião liderada por Toussaint L’Overture, cujo nome completo era François Dominique Toussain, político e militar haitiano, e pelo líder religioso Dutty Boukman.

Era Bouckman, o jamaicano, quem falava dessa maneira. Embora o trovão ensurdescesse frases inteiras, Ti Noel acreditou entender que algo havia ocorrido na França, e que uns senhores muito influentes haviam declarado que se devia dar liberdade aos negros. (CARPENTIER, 1985,p.40).

Em 1791, L’Overture instigou os escravos a dizimarem a população mandatária branca, que cada vez mais restringia a liberdade de seus vassalos com políticas racistas. As tropas francesas continuaram resistindo por um bom tempo, mas logo foram derrotadas pelos escravos, que receberam apoio de exércitos ingleses e espanhóis. L’Overture chegou a assumir

o governo de Santo Domingo em 1801, mas acabou sendo aprisionado pelas tropas de Napoleão Bonaparte. Morreu em péssimas condições dois anos depois, em Paris.

Como é possível constatar, os negros dominavam a situação, enquanto a França vivia os problemas de sua revolução burguesa (1789). “Os colonos não se conformavam com a declaração dos direitos. - O Deus dos brancos ordena o crime. Nossos deuses pedem vingança. Eles guiarão nossos braços e nos darão ajuda” (CARPENTIER,1985, p.40). Como a França esteve envolvida em seus conflitos internos, afrouxa-se o controle em sua colônia e assim os colonos sofrem fragorosa derrota. Nessa parte o narrador denuncia os abusos que os brancos cometiam contra todas as filhas dos negros: “Monsieur Lenormand de Mezy, amargurado pelos seus pensamentos, saiu com vontade de violentar qualquer das adolescentes que a essa hora enrolavam as folhas de tabaco que dariam depois para seus pais mascarem” (CARPENTIER,1985, p. 44). Narra-se, na mesma toada, a vingança dos negros contra as mulheres dos brancos. “Ti Noel grudou a boca durante muito tempo [...] num barril de vinho espanhol [...] já que sonhava violentar Mademoiselle Floridor” (CARPENTIER,1985, p.45). Mezy foge para a vizinha Santiago de Cuba, conseguindo levar os seus escravos, incluindo Ti Noel.

O fato é que a revolução durou dois dias de muita violência, e a notícia de que a sublevação fora vencida pelos brancos é dada a Monsiuer Lenorman de Mezy para tirá-lo de seu estado catatônico. “[...] a cabeça do jamaicano Bouckman já se achava cheia de vermes, esverdeada e boquiaberta, no mesmíssimo lugar onde se tinha transformado em cinza fétida a carne do maneta Mackandal” (CARPENTIER,1985, p.48).

Por essa época o governador da colônia pronunciou uma palavra muito importante para que todos os franceses ficassem atentos: “o Vaudoux”, uma característica cultural que diferenciava muito os brancos dos negros só que ninguém tinha se dado conta. Nesse momento, ocorre o entendimento do amo de Ti Noel de que todas as pequenas coisas, os sinais que ele havia desprezado, foram cruciais para toda a tragédia que se abatera sobre os colonizadores: “Compreendia então que um tambor podia significar, em certos casos, algo mais que uma simples pele de cabrito esticada sobre um tronco oco. Tinham, pois, os escravos uma religião secreta que os encorajava e os mantinha unidos nas suas rebeliões. (CARPENTIER,1985, p.49).

É no final do quarto capítulo, já preparando o leitor para os próximos episódios, que se anuncia o paradeiro de Henri Christophe, quando o amo de Ti Noel, triste por conta dos acontecimentos, procura a hospedaria La Corona para comer e beber, “lembrou que o

cozinheiro Henri Christophe tinha deixado o negócio, pouco tempo antes, para vestir o uniforme de artilheiro da colônia”(CARPENTIER,1985, p.50).

A partir daí o leitor acompanha a forma como os colonos retiram seu dinheiro e vão embora de Santo Domingo, assim como o estado em que ficam os destituídos de tudo, com as filhas que haviam sido estupradas pelos negros tentando se restabelecer, em meio à desordem moral e à pobreza que chega para muitos brancos. Ti Noel observa seu amo dilapidar seu capital em jogos de baralho e mulheres, até acabar arruinado, pondo-se a frequentar assiduamente as igrejas espanholas acompanhado do negro, que encontrava nessa atmosfera barroca a proximidade de sua cultura e religião.

O negro encontrava nas igrejas espanholas um calor de Vodou que nunca havia encontrado nos templos sulpicianos do Cabo. O ouro do barroco, as cabeleiras humanas dos Cristos, o mistério dos confesionários primorosamente trabalhados, o cão dos dominicanos, os dragões esmagados por santos pés, o porco de Santo Antão, a cor morena de São Benedito, as Virgens Negras, os São Jorge, de borzeguins e gibão de ator de tragédia francesa, os instrumentos pastoris que tocavam nas noites de Páscoa, tinham força envolvente e um poder de sedução - semelhantes àqueles que emanavam dos altares dos hounforts consagrados a Damballah, o Deus Serpente. (CARPENTIER, 1985, p.54).

É possível perceber nesse trecho que os próprios negros e alguns padres colonos haviam mesclado a crença dos negros à religião católica na tentativa de conquistar também os espíritos dos escravos, sincretismo que está presente o tempo todo na obra, expressando-se na fala e no pensamento de Ti Noel, revelado pelo narrador onisciente: “Além disso, São Tiago é *Ogun Fai*, o marechal das tormentas, e em conjura com ele tinham-se levantado os homens de Bouckman. Por isso Ti Noel, à guisa de oração amiúde recitava para ele um velho canto aprendido com Mackandal” (CARPENTIER,1985, p.54).

Outra crítica presente na obra tem como alvo os religiosos que também eram donos de escravos e compactuavam com os colonos quanto ao tratamento dado aos cativos, porque enriqueciam e estavam muito mais preocupados em aumentar suas riquezas do que com o bem-estar dos negros. Destaca-se que a única instrução a que tinham direito os negros era a religiosa, pois era concebida como apta a inculcar a resignação diante da miséria. Sobretudo, era julgada apta a frear a *marronnage* (desejo dos negros de fugir das fazendas e dos maus tratos que sofriam).

No sexto capítulo da obra, intitulado *A Nave dos Cães*, Ti Noel se dá conta do pouco que os escravos valiam para seus amos, quando pergunta para que havia tantos cães naquele navio a um marinheiro mulato: “- Para onde os levam? -Para comerem os negros! -gargalhou o outro” (CARPENTIER, 1985, p.56). É nesse mesmo capítulo que se apresenta uma importante personagem histórica da trama: Paulina Bonaparte.

Por outra parte, os brancos mandaram vir também um veleiro carregado de serpentes para dar morte aos camponeses que ajudassem os negros fujões. “Mas as serpentes, criaturas de Damballah, morreriam sem ter desovado, desaparecendo ao mesmo tempo que os últimos colonos do antigo regime” (CARPENTIER,1985, p.64). Ou seja, os brancos trouxeram as armas do negro para lutarem contra eles mesmos, porque “Ogum Badagri guiava a carga de arma branca contra as últimas trincheiras da Deusa da Razão” (CARPENTIER,1985, p.64). Quanto a Paulina Bonaparte, é mostrada na obra como uma mulher exemplo de devassidão e de tudo que uma esposa católica e recatada não era.

Imaginando, contudo, que as mãos de um homem seriam bem mais vigorosas, contratou os serviços de Soliman, antigo empregado de uma casa de banhos, que, além de cuidar de seu corpo, friccionava-o com creme de amêndoas, depilava-o e polia-lhe as unhas dos pés” (CARPENTIER,1985, p.58).

Na terceira parte, Ti Noel, já de volta para São Domingos, enquanto relembra os tempos de dominação francesa, se vê na condição de, forçosamente, ajudar a construir a cidadela do rei negro Henri Christophe. Depois se verá que essa cidadela serviu apenas como o mausoléu para o rei negro. Durante a construção, houve o desleixo com o plantio e as colheitas.

Um negro velho, mas ainda firme sobre seus pés calejados e cheios de joanetes, abandonou a escuna recém-atracada no cais de São Marcos.

[...] Já ia longe os dias em que um proprietário de Santiago, num lance de cartas, ganhara Ti Noel a Monsieur Lenormand de Mezy, morto pouco depois na mais extrema miséria. Sob o jugo de seu amo cubano conhecera uma vida mais tolerável do que aquela que os franceses da Planície do Norte impunham a seus escravos. (CARPENTIER, 1985, p.69).

Até esse ponto da narrativa, já muitas foram as desventuras sentidas e sofridas por Ti Noel. No sacrifício de Mackandal, ele e a população branca assistiram à imolação do negro ameaçador, mas as reações de ambas as partes foram diferentes. Os negros viram, encantados, o mandinga dar o grande salto e mergulhar no mar de negros, pois sua morte prenunciava o renascimento, e Mackandal continuava vivo ao lado de seu povo. Outro ponto a destacar é que o discurso de Boukman não se deu na língua do escravizador, mas na língua de resistência dos trabalhadores escravizados – a língua Kreyòl – o *créole* haitiano.

Em toda a obra há a mescla, como já dissemos antes, e, a título de ênfase, voltamos a mencionar que tal característica se expressa nos personagens ficcionais - Ti Noel, Solimán, Le Normand de Mezy (representando todos os brancos opressores) e históricos - Mackandal, Bouckman, Paulina Bonaparte (esposa do General Le Clerc) e Henri Christophe. Já o espaço físico da narrativa se situa no Haiti, em Cuba e na França, bem como o marco espiritual está

todo o tempo envolvendo as duas culturas e as duas religiões: a dos brancos, o Catolicismo, e a dos negros haitianos, o Vodou.

A violência contra os negros cometida pelos brancos, na voz do narrador onisciente, desperta os mais diversos sentimentos no leitor: as constantes violações às crianças, adolescentes e mulheres negras, os assassinatos, as mutilações, o trabalho forçado, a total ausência de liberdade e respeito humano para com os negros são a causa das sublevações seja dos negros contra os brancos, seja dos negros contra seus opressores negros.

Em 1807, Assume o controle Henri Christophe, um escravo liberto que depois se converte em dono de escravos. Ele também inspirou o personagem da peça *Emperador Jones*, de Eugene O'Neill. De antigo cozinheiro em *Cape Française*, Christophe se lança às armas contra os colonizadores franceses junto com Toussaint-Louverture y Jean-Jacques Dessalines.

Depois de muita luta e resistência, que incluem a prisão e desterro de Toussaint-Louverture, os sublevados conseguem derrotar as tropas de Napoleão comandadas pelo general Leclerc, e se estabelece, em 1804, a primeira República independente da América, uma república negra cujo primeiro presidente foi Dessalines.

Ti Noel caiu de joelhos e deu graças aos Céus por lhe concederem a graça de regressar à terra dos Grandes Pactos. Porque ele sabia - e o sabiam todos os negros franceses de Santiago de Cuba - que o triunfo de Dessalines era fruto de uma tremenda preparação na qual tinham intervindo Loco, Petro, Ogum Ferraille, Brise-Pimba, [...] baixando seu santo com tanta violência que certos homens possuídos haviam sido lançados ao ar ou jogados ao chão pelos conjuros (CARPENTIER,1985, p.71).

No ano de 1809, os espanhóis, que contaram com a ajuda britânica, recuperaram o controle da zona leste da ilha. Em 1811, Henri Christophe se fez nomear imperador e assume total controle da ilha.

Ti Noel compreendeu que se encontrava em Sans-Souci, a residência predileta do Rei Henri Christophe, o mesmo que tinha sido cozinheiro na Rua dos Espanhóis, dono do albergue La Corona, que hoje fundia moedas com suas iniciais, sobre a orgulhosa divisa: "Deus, minha causa e minha espada" (CARPENTIER,1985, p.76).

Na quarta parte, Ti Noel proclama a grandeza das tradições de seu povo, canta as canções de exaltação da liberdade de seus ancestrais africanos e rejeita qualquer tirania, seja de brancos ou de negros. Com muita tristeza, porém, vê a chegada dos agrimensores para medirem as propriedades privadas. O dado historiográfico é o ano de 1820, quando Christophe se suicida para evitar cair nas mãos de suas tropas amotinadas.

Quase não se ouviu o disparo, porque os tambores batiam já muito perto. A mão de Christophe soltou a arma. Tinha a frente aberta. O corpo ainda se levantou, ficando

suspense, como se pretendesse dar um passo, antes de cair, cara contra o chão, com todas as suas condecorações (CARPENTIER,1985, p.94).

O rei Henri Christophe reconhece, em seus últimos momentos, que o motivo de sua queda foi ter abandonado os seus, sua crença, sua fé. Era o castigo de seus deuses. Ti Noel retorna várias vezes ao Palácio de Henri Christophe para pegar móveis e outros utensílios que o ajudavam a melhorar a vida, observando-se um assujeitamento aos valores brancos introjetados na cultura do negro, porque, semelhante a Henri Christophe, Ti Noel se apropria das roupas do rei morto e se veste como os franceses.

[...] o que fazia o velho mais feliz era a posse de uma casaca de Christophe, de seda verde, com os punhos rendados de cor salmão, que exibia a toda hora, realçando seu régio aspecto com um chapéu de palha traçada, achatado e dobrado em forma de bicórneo, no qual colocava uma flor encarnada à guisa de insígnia (CARPENTIER,1985,p. 108).

Em toda a obra Ti Noel encarna tanto as metamorfoses de Mackandal quanto a ambiguidade de Henri Christophe e a destruição do Palácio de Sans Souci. Quando tira dos escombros a casaca imperial que pertencera ao rei e a veste, ele representa toda uma saga de contradições da obra escrita por Alejo Carpentier.

Henri Christophe, ao morrer, assegura o nascimento do *Reino de este mundo*, que unirá o Haiti e suas origens africanas às peculiaridades da nova nação. O ano de 1826 brinda Ti Noel com a chegada dos agrimensores, que organizam um código rural enviado por Jean-Pierre Boyer, militar haitiano e segundo presidente da República do Haiti.

REFERÊNCIAS

CALABRESE, Omar. *La era neobarroca*. Madrid: Ediciones Cátedra S.A.,1999.

CARPENTIER, Alejo. *El siglo de las luces*. Madrid: Espasa Calpe, 2007.

CARPENTIER, Alejo. *O reino deste mundo*. São Paulo: Martins Fontes, 1985.

CHIAMPI, Irlemar. *O Realismo Maravilhoso*. São Paulo: Perspectiva, 1980.

DONOSO, José. *Historia personal del "boom"*. Barcelona: Editorial Anagrama, 1987.

JAMES, C.L.R. *Os Jacobinos negros: Toussaint L'Ouverture e a Revolução de São Domingos*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2000.

MENTON, Seymour. *LA NUEVA NOVELA HISTORICA DE AMÉRICA LATINA 1979-1992*, México; FCE,1993.

Documentos eletrônicos

MAJFUD, Jorge: <<https://majfud.org/2012/01/21/el-reino-de-este-mundo/>> Acesso em 15/08/2017

CARPENTIER, Alejo: <<https://centrodecapitalismo.wordpress.com/2011/01/17/el-reino-de-este-mundo-por-carpentier/>> Acesso em: 15/08/2017

FORNERÍN, Miguel Ángel, em ensaio escrito para a Revista eletrônica Nueva Sociedad, <<http://nuso.org/articulo/en-dialogo-con-el-reino-de-este-mundo-y-el-siglo-de-las-luces-de-alejo-carpentier/>> Acesso em: 15/08/2017

FELIPE, Eduardo Ferraz. Alejo Carpentier: ficção histórica e os escritos sapienciais. Revista Eletrônica ANPHLAC, 2014. Disponível em: < <http://revista.anphlac.org.br> > acesso dia 11/02/2018

Ferreira de Almeida, Maria Cândida El reino de este mundo: De lo que puede y quiere la literatura frente a la voluntad de verdad Revista Brasileira do Caribe, vol. VII, núm. 14, enero-junio, 2007, pp. 359-375. Universidade Federal de Goiás-Goiânia, Brasil. Disponible en <<http://www.redalyc.org/pdf/1591/159114257004.pdf>> accedido el 31/05/2018